

**O ensino da pesquisa científica na graduação em cursos de fisioterapia na região metropolitana de Goiânia****The teaching of scientific research in graduation in physiotherapy courses in the metropolitan region of Goiânia**

DOI:10.34117/bjdv6n8-174

Recebimento dos originais: 12/07/2020

Aceitação para publicação: 13/08/2020

**Marta Kelly Nogueira de Lima**

Mestre em Ensino na saúde pela Universidade Federal de Goiás - UFG  
Endereço: Rua Jequitibá - Bairro Santa Genoveva, Goiânia - Go, Brasil.  
E-mail: martanogueirafisio@gmail.com

**Nilce Maria Silva Campos Costa**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc/ SP  
Endereço: Al. Americano do Brasil número 282 Setor Marista, Goiânia - Go, Brasil.  
E-mail: nilcecosta58@gmail.com

**Lucilene Maria de Sousa**

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília  
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)  
Endereço: Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Goiás. Rua 227 Viela Quadra 68, S/N  
- Setor Leste Universitário, Goiânia - Goiás, CEP: 74605-080, Brasil.  
E-mail: lumasa@ufg.br

**RESUMO**

A formação do fisioterapeuta segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Fisioterapia visa construir um profissional que exerça competências e práticas com embasamento teórico-prático, desenvolvendo ações de atenção primária, secundária e terciária à saúde bem como atividades pautadas na pesquisa científica e extensão. O estudo buscou investigar os processos de ensino da pesquisa científica na graduação de fisioterapia em Goiânia e região metropolitana. Foram investigadas, seis instituições de ensino superior (IES). Em média as IES possuem: 8 especialistas, 10 mestres, 8 doutores e 0,67 pós doutores. Todas as instituições pesquisadas realizaram eventos científicos, sendo em média 3,20 eventos. Dessas instituições 83,33% relataram ter dificuldade de realizar pesquisas ou julgaram necessária uma reforma curricular para alterar a iniciação científica. Quanto às produções científicas, 19,35% dos professores publicaram em periódicos internacionais dos quais 16,13% teve participação de alunos; em periódicos nacionais essas proporções foram 58,06% e 48,39%, respectivamente. Em torno de 55% dos graduandos relatam que há incentivo financeiro da IES para participação em eventos científicos, e 83,40% relatam que há incentivo não financeiro para participação em eventos e produção de trabalhos científicos. Quanto aos pontos positivos da IES que incentivam as pesquisas científicas foram frequentemente citados pelos discentes o corpo docente, a elaboração assistida de artigos científicos, o suporte pela instituição, as bolsas ou incentivo financeiro de forma genérica. E quanto aos pontos negativos foram citados a falta de interesse dos alunos, falta de informação, falta de incentivo e a falta de oportunidades de vagas.

**Palavras-Chave:** instituições de ensino superior, fisioterapia, pesquisa.

**ABSTRACT**

The training of the physiotherapist according to the National Curricular Guidelines for Teaching Undergraduate Physiotherapy aims to develop a professional curriculum, improve teaching ability and develop the first scientific research extension. The study sought to investigate the teaching processes of scientific research in a physiotherapy area in Goiania and metropolitan region. Six higher education institutions (HEIs) were investigated. The averages as HEIs have: 8 specialists, 10 masters, 8 doctors and 0.67 post doctors. All the researched institutions held scientific events, with an average of 3.20 events. Decades institutional 83.33% reported the problem of seeking candidates to evaluate curricular reform to change scientific initiation. As for scientific production, 19.35% of teachers published in national journals, of which 16.13% had students' participation; physicians accounted for 58.06% and 48.39%, respectively. About 55% of the graduates report that there is a financial incentive for HEI to participate in scientific events, and 83.40% report that there is a non-financial incentive to attend events and produce scientific papers. Students were encouraged to participate in a process of scientific teaching and scientific education, with the aim of promoting the dissemination of doctoral degrees, support to the institution, scholarships or financial incentive in a generic way. In addition, to the zombies of the students of students, did not do to did, did to be missed of the entertainment of students.

**Keywords:** higher education institutions, physiotherapy, research.

**1 INTRODUÇÃO**

“O importante da educação não é apenas formar um mercado de trabalho, mas formar uma nação com gente capaz de pensar”.

José Arthur Giannotti

De forma geral, a produção científica brasileira tem evoluído e ganhado espaço junto à comunidade científica internacional. Entre 2007 e 2016, o Brasil ocupava a 14<sup>o</sup> posição no *ranking* de produção científica no mundo e continua avançando em ritmo acelerado. Espera-se que este processo de desenvolvimento experimentada pela comunidade científica no país se estenda como um todo no campo da graduação (BRASIL, 2018).

Alguns cursos, entretanto, como a fisioterapia, uma das profissões mais jovens da saúde, ainda vem se desenvolvendo em suas concepções e perspectivas. No início, a profissão baseava-se em livros de reabilitação e alguns protocolos pré-estabelecidos. Felizmente, essa tendência sofreu grandes mudanças. Hoje sua prática é baseada em pesquisa e nos seus resultados, confirmando seu interesse em atitudes alicerçadas em evidências (MARQUES; PECCIN, 2005).

De acordo com estudo realizado por Cavalcante e colaboradores (2011), fundamentado na busca em bases de dados eletrônicas com o objetivo de levantar a evolução científica da fisioterapia em quarenta anos de profissão, durante os anos de 2003 e 2008, verificou-se que a produção científica do Brasil em fisioterapia melhorou significativamente sua posição no ranking mundial (de 25<sup>o</sup> para 4<sup>o</sup> colocado).

Entretanto, quando se observa os indicadores mais específicos, verifica-se que entre os 28.111 doutores e 43.060 mestres na grande área da ciências da saúde, apenas 1.145 são fisioterapeutas/terapeutas ocupacionais doutores, e 4.675 mestres fisioterapeutas/terapeutas ocupacionais. Isso representa 4% e 11%, respectivamente, dos profissionais *stricto sensu* da grande área da saúde e 1% e 6%, respectivamente, dos profissionais de fisioterapia do Brasil, se for considerada a quantidade de fisioterapeutas até 2004 (CALVALCANTE; RODRIGUES; DADALTO; SILVA, 2011).

Dentro das profissões de saúde, a fisioterapia ocupa a penúltima posição em quantidade de doutores. A medicina, no topo da classificação, tem 13 vezes mais doutores que a fisioterapia. Contudo, a geração de evidências exige a inclusão de pesquisadores doutores titulados no corpo docente dos cursos de graduação em Fisioterapia. Doutores são pesquisadores independentes que podem gerar novas perspectivas para a atuação profissional e avaliação rigorosa das condutas aplicadas (RICHTER, 2002; CRUZ et al, 2017).

Considerando a produção científica em fisioterapia, atualmente existem 12 revistas brasileiras de fisioterapia, sendo as mais antigas a *Fisioterapia em Movimento*, fundada em 1989, hoje com conceito Qualis B2. Essa quantidade parece ser insuficiente para atender à demanda de publicação dos conhecimentos científicos gerados e formar um banco de dados que permita o ensino da fisioterapia baseada em evidências (CALVALCANTE; RODRIGUES; DADALTO; SILVA, 2011).

Isso já foi mostrado por Madeira et al. (2003), em estudo que se referiu ao pequeno número de periódicos da área da fisioterapia, comparando com a odontologia, que na época se encontrava com 74 revistas, contra 12 da fisioterapia.

Em outro estudo, Filippin e Wagner (2008), relacionaram a fisioterapia e a medicina, referindo que a fisioterapia, ao contrário da medicina, ainda não tem pesquisas suficientes para formar um corpo científico de conhecimento necessário para sustentar a prática baseada em evidências.

A fisioterapia brasileira, além de ser uma profissão nova legalmente (48 anos), é mais nova ainda como conhecimento científico. Há somente 14 anos ela foi inserida na comunidade científica brasileira. O curso de fisioterapia permanece como área emergente e em ascensão quanto à quantidade e qualidade das pesquisas e, conseqüentemente, quanto aos avanços no conhecimento científico (MEC, 2006; TOLVES et al, 2016).

Por este motivo, o presente estudo buscou investigar os processos de ensino da pesquisa científica na graduação de fisioterapia. Pretendeu entender os processos que envolvem a pesquisa, na visão de estudantes, professores e coordenadores do curso e trazer reflexão sobre como a pesquisa científica tem sido tratada nas instituições de ensino superior.

Acredita-se que há muito a ser feito para aumentar a quantidade de pesquisadores, melhorar a quantidade e qualidade da produção científica e das revistas de divulgação do conhecimento científico no âmbito nacional e internacional.

## **2 MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória com delineamento transversal. Desenvolvida em instituições de ensino superior (IES) públicas e privadas na região metropolitana de Goiânia que oferecem o curso de graduação em fisioterapia reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). De acordo com as informações do MEC atualmente existem oito cursos oferecidos nas IES, sendo dois cursos em IES públicas (um em instituição pública federal e um em estadual) e seis IES em privadas (MEC, 2016).

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados três questionários elaborados pela pesquisadora responsável para cada grupo (docentes, discentes e coordenadores). Para a seleção dos estudantes, foi realizado sorteio simples aleatório considerando uma distribuição homogênea para as universidades e períodos pesquisados. Portanto, foram selecionados seis indivíduos de cada período em cada universidade. Para a seleção dos docentes foi considerado apenas um sorteio aleatório simples na universidade, totalizando 11 indivíduos por unidade. Os indivíduos que estiveram nos critérios de exclusão foram substituídos até alcançar o número de participantes. As variáveis foram investigadas de acordo com o vínculo do indivíduo junto à universidade.

Os dados foram digitados em planilha Excel com dupla digitação. Foi realizada análise descritiva dos dados categóricos que foram apresentados em frequências absolutas (n) e relativas (%) e dos dados contínuos para os quais foram usados média e desvio padrão, máximo e mínimo. Foi utilizado o *software* Stata® versão 14.0.

Esse estudo está de acordo com os princípios éticos contidos na Declaração de Helsinki, da World Medical Association, bem como obedece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos (RESOLUÇÃO Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde).

## **3 RESULTADOS**

Dentre as instituições selecionadas uma se recusou a participar da pesquisa e outra teve o curso encerrado, devido ao baixo desempenho no Exame Nacional de Estudantes. Foram investigadas, portanto, seis instituições de ensino superior que possuíam o curso de fisioterapia na cidade de Goiânia e região metropolitana. Responderam ao formulário seis coordenadores, 31 professores e 278 alunos.

**COORDENADORES DE CURSOS**

A maioria dos coordenadores nasceu em Goiânia-GO, era do sexo masculino e tinha idade menor que 42 anos, sendo em média 37,17 anos (DP=4,26; intervalo: 32-42 anos) (Tabela 1). Dentre os coordenadores todos eram especialistas, 83,33% mestres, 33,33% doutores e 16,67% cursaram residência.

Nessas instituições de ensino a quantidade média de docentes totais era de 28 (DP=13,01; intervalo: 14-52), efetivos de 21,83 (DP=11,75; intervalo: 9-41), substitutos de 5,17 (DP=6,82; intervalo: 0-16). Quanto à formação, em média havia 17 (DP=20,66; intervalo: 0-40 anos) professores que cursaram o bacharelado, oito (DP=3,16; intervalo: 4-13) cursaram especialização, 10,83 (DP=6,70; intervalo: 2-21) mestrado, 8,50 (DP=4,55; intervalo: 4-14) doutores e 0,67 (DP=1,63; intervalo: 0-4) pós-doutores.

Há em 83,33% das instituições pesquisadas a oferta da disciplina de Metodologia Científica e em 66,67% o incentivo financeiro à apresentação de trabalhos em eventos científicos, sendo que a mais comum inclui passagens aéreas, inscrição em congresso ou diárias para hospedagem no local do evento. Nessas instituições, em média, mais de duas bolsas são ofertadas pelas IES e outras duas por diferentes fontes de fomento que, em geral, são a FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

No ano de 2016, todas as instituições de ensino pesquisadas realizaram eventos científicos, sendo em média 3,20 eventos (DP=2,77; intervalo: 1-8 eventos) (Tabela 2). Dessas instituições 83,33% relataram ter dificuldade de realizar pesquisas ou que julgam necessária uma reforma curricular para alterar a iniciação científica.

Dentre as dificuldades mais frequentes foram citadas a falta de interesse dos alunos ou falta de incentivo do corpo docente, além de ausência de bolsas que custeiem ou auxiliem financeiramente os alunos.

**PROFESSORES**

Quanto aos professores participantes, 54,84% eram do sexo masculino e possuíam 40 anos ou mais, sendo a média de 39,93 anos (DP=7,62; intervalo: 20-59 anos). Quase todos os professores participantes são formados em fisioterapia, mas três indivíduos são formados em outros cursos: matemática, medicina e medicina veterinária. Cerca de 50% da amostra formou-se em instituições públicas, 96,77% cursaram especialização, 16,13% fizeram residência, 74,19% cursaram mestrado e 32,26% doutorado (Tabela 3).

Em suas atividades atuais, 93,55% são docentes efetivos e 40% possui carga horária semanal de 40 horas ou mais. Aproximadamente 67% dos docentes realizavam atividades de pesquisa

dedicando em média 7,80 horas semanais. Para as atividades de ensino são em média dedicadas 20,77 horas, para as de extensão de 3,53 horas e para orientação de 4,55 horas semanais (Tabela 4).

Quanto às produções científicas do ano de 2016, 19,35% dos professores tiveram publicações em periódicos internacionais dos quais apenas 16,13% teve participação de alunos; para os periódicos nacionais essas proporções foram de 58,06% e 48,39%, respectivamente. Apenas 12,90% dos docentes participaram da organização de livros e 16,13% de capítulos de livros, contudo menos de 10% desses materiais teve o envolvimento de alunos. Participaram como palestrantes locais e nacionais, 61,29% e 19,35% dos docentes, respectivamente.

Quanto ao incentivo à produção científica, 80,65% dos professores participantes da pesquisa relataram realizá-lo e apenas 25,81% recebeu incentivo financeiro à participação e apresentação de trabalhos em eventos ou buscou agências de fomento para tais fins.

Dentre os pontos positivos que a IES tem para incentivar os graduandos à participação em pesquisas científicas foram citadas, mais frequentemente, a boa qualificação dos professores, oferta de bolsas e horas complementares à carga curricular, entre outras. Já como pontos negativos foram citados a baixa quantidade de professores, ou professores pouco qualificados, pouca estrutura laboratorial assim como a falta de estímulo à participação e à burocracia.

Já quanto às dificuldades para incentivar os graduandos a participarem de pesquisas científicas foram citadas a falta de interesse, de tempo, falta de bolsas e de apoio da IES. E quanto às facilidades foram citadas as parcerias entre professores, projetos de extensão e a oferta de disciplinas.

## ESTUDANTES

Quanto aos alunos a maior parte nasceu em Goiânia-GO, era do sexo feminino (83,33%) e com idade entre 21-29 anos, sendo a média de idade de 23,84 anos. Da amostra total de alunos, 60,07% estudam em instituições privadas e apenas 5,84% eram bolsistas de pesquisas. Dos que não eram bolsistas, mais de 35% alegaram que desconheciam as atividades de pesquisa desenvolvidas na instituição ou não tinham tempo para participar. Somente 2,93% dos discentes participavam de projetos de pesquisas financiados. Dentro dos projetos de pesquisa a maior parte atuava como pesquisador, seguido por atividades de colaboração (Tabela 5).

Em torno de 55% dos graduandos relatam que há incentivo financeiro da IES para que eles participem de eventos científicos e 83,40% deles relatam que há incentivo não financeiro para a participação em eventos e produção de trabalhos científicos, tais como: liberação e abono de aulas, bem como reposição de avaliações. Em geral, a produção de trabalhos incluindo artigos nacionais e internacionais, livros e capítulos de livros é baixa, mas a apresentação de trabalhos em eventos se



destaca com 18,77% dos alunos tendo realizado esse tipo de atividade no ano de 2016. E por fim, quanto à participação de eventos foi mais comum em eventos locais.

A disciplina de Metodologia Científica é oferecida para 80,78% dos alunos e, em geral, no primeiro período do curso. Cerca de 70% dos graduandos julgaram que as informações repassadas nessa disciplina forneceram embasamento satisfatório para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Os alunos que acreditavam que a disciplina não foi suficiente citam a oferta *on-line* ou a precocidade da oferta da disciplina como pontos prejudiciais fundamentais.

Quanto aos pontos positivos da IES que incentivam as pesquisas científicas foram frequentemente citados pelos discentes incluem o corpo docente, elaboração assistida de artigos científicos, suporte pela instituição e bolsas ou incentivo financeiro de forma genérica.

E quanto aos pontos negativos foram citados a falta de interesse dos alunos, falta de informação, falta de incentivo e a falta de oportunidades de vagas. Finalmente, para o período após a graduação, mais de 85% dos alunos relataram que tentarão cursar mestrado e doutorado ou mestrado, doutorado e pós-doutorado.

#### **4 DISCUSSÃO**

Toda instituição de nível superior tem o dever de despertar e introduzir aos alunos, a ciência, oferecendo apoio teórico e metodológico à realização de projetos, orientações, eventos, programas de iniciação científica, entre outros. A IES tem como responsabilidade estimular pesquisadores a encorajar os estudantes a se engajarem em pesquisas científicas. Para que isto aconteça, a IES precisa contar com pessoas capacitadas, sérias e comprometidas com o desenvolvimento técnico científico do país (BASTOS et al, 2010).

Avaliando o perfil dos cursos de graduação em fisioterapia à partir das IES inseridas no estudo, por meio do preenchimento dos questionários pelos coordenadores de curso, foi possível perceber que Goiânia e sua região metropolitana, tem em sua maioria o curso de fisioterapia ofertado por IES privadas.

Entre eles, apenas um coordenador afirmou que na instituição não encontra dificuldade para a realização de pesquisas. Ao contrário dos demais que listaram algumas dificuldades, tais como: falta de incentivo do corpo docente em coordenar projetos, falta de competência da própria IES, falta de infraestrutura e especialmente desinteresse por parte dos acadêmicos. E não diferente do esperado, entre a maioria do coordenadores por estes motivos considerados anteriormente, os mesmos acreditam que há necessidade de uma reforma curricular que contemple o incentivo às pesquisas.

Antes da edição das DCN, já vinha sendo observado um aumento no número de cursos de graduação em fisioterapia no Brasil, porém, após a edição das DCN, esse aumento foi expressivo e

consequentemente provocou um incremento no número de vagas e de profissionais cadastrados no Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). Diante disso, faz-se necessária uma discussão mais atenta sobre alguns termos/expressões que constam nas DCN, a fim de que gestores e docentes não tenham dúvidas a respeito do tipo de profissional que se quer formar (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARÉ, 2017).

Bastos et al (2010), apontam que o desafio hoje das universidades é formar cidadão críticos, capazes de buscar o conhecimento, e profissionais de que a sociedade necessita. Para isto, as atividades curriculares devem ser voltadas para a solução de problemas e para o conhecimento da nossa realidade. É dentro desta perspectiva que a inserção do aluno deve ser precocemente incentivada em projetos de pesquisas, iniciações científicas, produção e publicação de trabalhos.

Em um fórum para reflexão universitária realizado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2002) cujo tema eram os desafios da pesquisa no Brasil, foi levantado entre os questionamentos o recrutamento dos docentes, que para Nervo e Ferreira (2015), são o elo entre a pesquisa e pesquisar. Para os autores, o docente deve ser um constante pesquisador, e é dele o principal papel de multiplicador do hábito de leitura, escrita e curiosidade. E ainda coloca para a universidade o compromisso para com a formação do docente. Disponibilizando e incentivando a formação continuada.

No fórum realizado pela Unicamp, foi discutido que a qualidade da pesquisa feita numa universidade depende, na essência, dos pesquisadores que nela atuam além do ambiente institucional propício à pesquisa científica relevante e de qualidade. Portanto, para eles uma das questões centrais é a maneira como a universidade contrata seus docentes (FÓRUM DE REFLEXÃO UNIVERSITÁRIA – UNICAMP, 2002).

Neste estudo foi verificado que apenas um dos 32 professores não cursou especialização do tipo *lato sensu*, 74,19% cursaram mestrado e 32,26% doutorado. Em um estudo semelhante realizado no curso de ciências contábeis no estado do Rio Grande do Sul, houve diferença entre as IES avaliadas. Sendo 75% e 4% mestres e doutores, respectivamente, os docentes das instituições privadas e 55% e 3% mestres e doutores, respectivamente das instituições públicas. Em ambos estudos, em sua grande maioria o vínculo de professores trata-se de efetivos (MACHADO; MACHADO; SOUZA; SILVA, 2009).

Contudo, se na discussão levantada no fórum, a qualificação dos docentes e o vínculo institucional estão diretamente relacionados à qualidade da pesquisa feita numa universidade, os mesmos docentes do presente estudo titulados e também efetivos, apresentam números tediosos quando o foco são publicações (19% em periódicos internacionais e 58% em nacionais). É válido ressaltar que entre eles, alguns se destacaram em



número de publicações, já outros não produziram nenhuma publicação. Cabe lembrar que existe a possibilidade de publicação de livros, e então os números são ainda menores. Apenas seis livros foram produzidos pelos professores avaliados.

Dados melhores foram observados quanto ao número de produções científicas, participação em eventos como ouvintes e também como palestrantes. E, segundo os docentes deste estudo isto é possível através da dedicação e interesse dos próprios professores, facilidades cedidas pela instituição (disponibilidade de tempo, liberação para eventos, bolsas), além de apontarem os laboratórios e a própria revista eletrônica institucional como facilitadores.

Para os professores do fórum, uma das maneiras para atrair os docentes a serem pesquisadores de grande potencial seria o oferecimento de recursos para custear as pesquisas. Incluindo verbas para equipamentos, material de consumo, viagens, bolsas de produtividade do CNPq. Para eles, no Brasil não há a prática que eles consideram saudável de competição entre as instituições para atrair os melhores pesquisadores, o que acontece nos países mais desenvolvidos (FÓRUM DE REFLEXÃO UNIVERSITÁRIA – UNICAMP, 2002).

O problema talvez esteja no foco dos investimentos do país. O governo federal afirma que, em 2013, foi destinado 1,24% do PIB para pesquisa e desenvolvimento. Este é o último número atualizado. Em países desenvolvidos, este percentual chega a 3,5%. Em relação às empresas, o investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D) equivale a 0,55% do PIB brasileiro, percentual bem inferior ao de países como China e Coreia do Sul. (ARAÚJO; RAUEN; ZUCOLINI, 2016).

Do total investido em P&D no Brasil, as empresas são responsáveis por 45,7%. Na Alemanha e EUA essa proporção fica em torno de 75%. Há ainda algumas questões extras no que diz respeito aos entraves para os cientistas no Brasil como a dificuldade para a importação de materiais para pesquisa, a questão das patentes, o excesso de burocracia, a falta de compreensão do Legislativo sobre o tema, entre outros (NADER; OLIVEIRA; MOSSRI, 2017).

Estes dados estão relacionados às principais queixas dos docentes desta pesquisa. Para eles, as principais desmotivações concernem ao recurso financeiro, indisponível para a melhoria da infraestrutura, aquisição de equipamentos e especialmente para bolsas de incentivo. O discurso de um deles chamou atenção quando se referiu aos professores como heróis, tamanha dificuldade encontrada por eles no desenvolvimento de atividades e na produção de materiais científicos.

Os fatores dificultadores deste estudo são também citados no estudo de Lampert; Costa; Alves (2016), em uma análise do conjunto de 28 escolas médicas para atender às Diretrizes Curriculares Nacionais. Dentre as categorias elencadas, citam-se: resistência docente à mudança, falta da capacitação docente, falta de valorização, falta de supervisão/orientação dos estudantes, falta de estrutura e perfil dos estudantes.

Com relação aos acadêmicos, um estudo interessante de Amaral (2010), realizou uma entrevista com um grupo de alunos matriculados na disciplina de metodologia de pesquisa com o objetivo de verificar o porquê da repulsa com o termo “pesquisa”. A maioria dos alunos afirmou ter contato com o termo apenas na faculdade, e apesar disto, todos eles consideraram a pesquisa importante para a formação dos alunos. Quanto aos fatores desestimulantes, a maioria cita o tempo requerido, assim como no presente estudo. (AMARAL, 2010).

Nesta pesquisa, observa-se entre as principais queixas dos discentes: o tempo destinado a pesquisa. Haja visto que se trata da maioria de alunos de instituições privadas, que trabalham concomitante para manter os estudos. Outra queixa refere-se também ao incentivo financeiro, muitos afirmaram que devido à quantidade muito baixa de bolsas, não conseguem adquirir uma delas e por conseguinte necessitam trabalhar para manterem o curso.

No estudo de Amaral (2010), os alunos acreditam que após o contato com a pesquisa tornaram-se capazes de realizar uma investigação, bem como os acadêmicos da presente pesquisa. 70% deles, afirmaram que a disciplina de metodologia científica ofereceu embasamento satisfatório. Dentre os 30% que acreditam que a disciplina não atendeu às expectativas, apontam principalmente o fato de em alguns casos a disciplina ser oferecida à distância (*online*) e ou a precocidade da oferta da disciplina.

Dentre as dificuldades apontadas por eles, alguns alegaram desinteresse pela pesquisa e também desconhecimento dos projetos e atividades realizados em suas IES. Portanto, em suas considerações sugeriram maior divulgação das práticas científicas e também maior disponibilidade de bolsas.

Quanto às bolsas de incentivo, um dado curioso. Pouquíssimos alunos são contemplados com bolsas de pesquisa, apenas 5%. Mas, dentre as respostas foi possível ver respostas como: OVG e FIES. E a grande indagação foi: os alunos não entenderam a pergunta, ou simplesmente não entendem o significado de bolsas para pesquisa, órgão e agências de fomento?

63 alunos dos 279 avaliados, responderam que produziram artigos. Mas apenas 9 disseram que seus artigos foram publicados. Os que nos levar a discutir a possibilidade para tal acontecimento. As estatísticas mostram que o país em cresceu número de produções científicas, mas a qualidade dos produtos não acompanhou o mesmo ritmo. Será este o motivo? Ou, os alunos realizam a confecção apenas para conclusão de disciplinas, como forma de exigência para a obtenção de notas?

Semelhante ao estudo realizado no curso de matemática no ano de 2017 na Universidade Federal de Pernambuco, onde os alunos responderam em 40% que não escreveram nenhum artigo científico. E dentre os que escreveram, alguns afirmaram que só o fizeram por se tratar de uma exigência de alguma disciplina e apenas 28% disseram que fizeram por interesse próprio (COSTA; SILVA, 2017).

Mesmo diante das inúmeras queixas como: falta de estrutura, número insuficiente de bolsas, carência de divulgação de projetos, escassez de tempo, indisponibilidade dos professores e até mesmo certa “seletividade” por parte dos docentes em relação aos alunos, os docentes declaram interesse em seguir áreas de pesquisa. Respondendo 85% deles, desejo por cursarem pós graduação stricto sensu.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo da premissa que a fisioterapia é uma ciência, o seu ensino deve estar fundamentado na busca por novos conhecimentos, o que normalmente ocorre por meio da elaboração de pesquisas científicas. A partir da pesquisa de campo realizada e da análise dos dados coletados pôde-se conhecer o perfil dos sujeitos da pesquisa: coordenadores de curso, docentes e discentes. E inferir algumas considerações finais que se passa a comentar a seguir:

Através do estudo, ficou claro que as IES representadas por seus coordenadores confirmaram encontrar obstáculos no desenvolvimento de atividades científicas, mesmo assim conseguem realizar eventos locais que promovem o incentivo a realização de pesquisas. E que a opinião dos três grupos correlacionam-se quando se trata da escassez de incentivos financeiros.

Ao contrário do esperado pela autora, os coordenadores, os docentes e também os alunos, declararam haver incentivo e dedicação por parte da maioria dos professores. E estes mesmos professores acreditam que o que é desenvolvido hoje pelas universidades, é em sua grande parte possível graças ao interesse e esforços realizados por eles.

E por último, ficou constatado que além da principal queixa relativa aos recursos financeiros, um grande fator ao não desenvolvimento de pesquisas trata-se da desmotivação entre os alunos. Quer seja pela falta de tempo, disponibilidade e até mesmo o próprio desinteresse.

## **REFERÊNCIAS**

AMARAL, R. As contribuições da pesquisa científica na formação acadêmica. **Identidade Científica**. v. 1, n. 1, p. 64-74, Presidente Prudente - SP, jan./jun. 2010.

ARAÚJO, B. C; RAUEN, A. T; ZUCOLOTI, G. F. Impactos da suspensão dos incentivos fiscais previstos pela lei do bem sobre o investimento privado em PD&I. **Radar**, 44. abr. 2016.

BASTOS, F; MARTINS, F; ALVES, M; TERRA, M; LEMOS, C. S. A importância da iniciação científica para os alunos de graduação em biomedicina. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, ano 2010, v. 11, n. 11, p. 61 – 66.

BRASIL. **Estratégia brasileira para transformação digital**. E-digital. Brasília, 2018.

CALVALCANTE, C. C. L; RODRIGUES, A. R. S. DADALTO, T. V; SILVA, E. B. Evolução científica da fisioterapia em 40 anos de profissão. **Fisioterapia em Movimento**. Curitiba, v. 24, n. 3, p. 513-522, jul./set. 2011.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. **Resolução COFFITO-80 de 21 de maio de 1987**. Diário Oficial da União 1987 Maio 21 ; 93: Seção I: 7609. Disponível em <http://www.coffito.org.br>.

COSTA, L. R. S; SILVA, M. A. A. Dificuldades vivenciadas na elaboração de artigos científicos: percepção de discentes do curso de Licenciatura em matemática da UFPE – CAA. **Congresso nacional de educação**, 2017.

CRUZ, F. G; COHIM, S; CARNEIRO, A.P.Q; SÁ, K.N. Perfil do fisioterapeuta pesquisador docente no estado da Bahia: uma análise documental. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**. 7(1):70-78. Fev, 2017.

FILIPIN, L.I; WAGNER, M.B. Fisioterapia baseada em evidências: uma nova perspectiva. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. 2008; 12(5):432-3.

FÓRUM DE REFLEXÃO UNIVERSITÁRIA – UNICAMP. Desafios da pesquisa no Brasil uma contribuição ao debate. **São Paulo em perspectiva**, 16(4): 15-23, 2002.

MACHADO, D. P; MACHADO, D.G; SOUZA, M.A; SILVA, R.P; Incentivo à pesquisa científica durante a graduação em Ciências Contábeis: um estudo nas

Universidades do estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Informação Contábil**. Vol. 3, no 2, p. 37-60, Abr-Jun/2009.

MADEIRA, M.C; CIRILLO, F.P; SAURO, E.E; MONTEIRO, L.F. Revistas nacionais de Fisioterapia: aspectos quantitativos (comparação com as revistas de odontologia). **Revista Faculdade de Odontologia**. 2003;15(1):59-62.

MARQUES, A. P; PECCIN, M. S. Pesquisa em fisioterapia: a prática baseada em evidências e modelos de estudos. **Fisioterapia e Pesquisa**. vol 11 num 1. São Paulo, 2005.

MASETTO, M. T. Competência pedagógica do professor universitário. 2 ed. São Paulo: **Summus**, 2012.

MEC. **A trajetória dos cursos de graduação na área de saúde: 1991-2004.** In: Haddad AE, editor. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2006.

MEC. Ministério da Educação e Cultura. **IES – Organização Acadêmica.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 de abr. 2016.

NADER, H. B; OLIVEIRA, F; MOSSRI, B. B. A ciência e o poder legislativo no Brasil. Relatos e Experiências. **Sociedade brasileira para o progresso da ciência.** São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://portal.sbpnet.org.br/livro/cienciaepoderlegislativo.pdf>>. Acesso 27 de maio de 2018.

NERVO, A. C. S; FERREIRA, F. L. A importância da pesquisa como princípio educativo para a formação científica de educandos do ensino superior. **Educação em Foco.** Edição 7, ano 2015.

RICHTER, R.R; SCHLOMER, S.L; KRIEGER, M.M; SILER, W.L. Journal publication productivity in academic physical therapy programs in the United States and Puerto Rico from 1988 to 2002. **Physiotherapy.** 2008;88(3):376-86.

SANTOS, A.R.A. A importância da metodologia científica para estudantes no contexto universitário, Nov 23, 2015.

TEIXEIRA, R. C; MUNIZ, J. W. C; NAZARÉ, D. L. O currículo para a formação do fisioterapeuta e sua construção histórica. **Caderno de educação saúde e fisioterapia.** v. 4, n. 7. Belém, 2017.

TOLVES, T; RIGHI, G.A; BALBINOT, I; SIGNORI, L.U; SILVA, A.M.V. Bibliometria da fisioterapia no Brasil: uma análise baseada nas especialidades da profissão **Fisioterapia e Pesquisa.** 23(4):402-409, 2016.